

GRANDE ENTREVISTA

Teresa Gentil

É preciso “refletir” sobre o papel da arte

Teresa Gentil, da Comunidade Compositoras Açores, afirma que há “um caminho longo a percorrer” na valorização artística.

Págs. 02 e 03



Pág.
07

PROGRAMA OPERACIONAL 2030

Investigação com mais dinheiro

A verba destinada à investigação no Programa Operação 2030 terá um aumento substancial, de acordo com o vice-presidente do Governo.

Págs.
12 E 13

CONFRARIA VERDELHO DOS BISCOITOS

Pressão do imobiliário ainda é “excessiva”

O grão-mestre da Confraria alerta para a “ameaça” do imobiliário e para a necessidade de certificação. A associação celebra 30 anos.



Pág.
06

Luís Rodrigues SAI DA SATA para liderar a TAP

O MINISTRO DAS INFRAESTRUTURAS, JOÃO GALAMBA, ANUNCIOU ONTEM QUE LUÍS RODRIGUES SERÁ O NOVO PRESIDENTE DA TAP, DEPOIS DO CASO DA INDEMNIZAÇÃO A ALEXANDRA REIS TER PROVOCADO A DEMISSÃO DOS ATUAIS ADMINISTRADORES DA TRANSPORTADORA.



Pág. 09

Coligação e BE querem transparência

PUB.



CEMAH

CONTA JOVEM

COM A CONTA JOVEM TUDO É MAIS LEVE.
VEM CONHECER AS VANTAGENS QUE A CEMAH
TEM PARA TI.

SOMOS A CAIXA DOS AÇORES

INFORME-SE EM WWW.CEMAH.PT



A associação “Prolíficas” levou a cabo o 1º Festival Comunidade Compositoras Açores, recentemente, em São Miguel. Teresa Gentil, da associação, diz que existe um “caminho longo a percorrer” na valorização desta área artística.

TERESA GENTIL, COMPOSITORA

“Não há vontade política para fazer uma reflexão sobre a arte”

A associação “Prolíficas” promoveu, recentemente, o 1º Festival Comunidade Compositoras Açores, em São Miguel. Do que se tratou neste evento e qual foi o principal objetivo?

Tratou-se de partilhar com um público alargado e heterogêneo o trabalho que as compositoras que incluem a associação têm vindo a desenvolver. O nosso objetivo é o de diversificar ainda mais a atividade musical e artística na região, para além de incentivar a criação musical contemporânea e de divulgar a música composta por compositoras com fortes vínculos ao arquipélago dos Açores. Nesta primeira edição do festival tivemos música para todos os gostos.

No primeiro dia, começámos com um espetáculo com música de Teresa Gentil para uma história de Judite Canha Fernandes, seguido de uma oficina de composição, onde os alunos da escola EBI da Maia puderam criar partituras e interpretar as suas próprias criações.

No segundo dia, iniciámos a tarde com uma peça rara na história da música portuguesa: “Ensaio sobre cantos IV”, para adufe e eletrónica da autoria da compositora micalense Ângela da Ponte (isto na sala de exposições do Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas); seguimos para a cave onde a cantora Sara Cruz interpretou um conjunto de canções inéditas às quais o público reagiu entusiasmado; ouvimos depois na Black-box desse mesmo espaço duas obras de Sara Ross, “Submersamente” para piano solo e “Inscrição” para voz, flau-

ta e piano seguidas de “Aurora” (piano e violino), “Valsinha” (piano e flauta), “A Religiosa” (piano, flauta e voz), e “Amor vivo” (piano, violino e voz) de Ana Paula Andrade. Terminámos com a cantora Katerina L’ dokova, que interpretou músicas que cruzam as mais diversas influências musicais, da música tradicional ao jazz. Houve ainda um momento de conversa e descontração com o público no final evento.

Como surgiu a Associação e que missão tem a mesma?

A Associação surgiu de uma vontade comum de mostrarmos o nosso trabalho e de dar mais visibilidade à



ASSOCIAÇÃO. Projeto nasce de uma “vontade comum de mostrarmos o nosso trabalho e de dar mais visibilidade à música composta e interpretada por mulheres”

música composta e interpretada por mulheres.

Embora vivamos um momento em que começa a haver consciência das assimetrias, estamos longe de ter um equilíbrio ao nível da oferta e da programação em certos festivais e eventos, e isto não acontece só nas questões relacionadas com o género. Trabalharemos nesse sentido e

queremos que o nosso festival seja inclusivo e aberto a todas e todos os que se quiserem juntar a nós.

Pretendemos também desenvolver atividades em que a música possa ser um motor para o desenvolvimento pessoal e interpessoal, com projetos em que a criação artística seja transformadora da realidade social e permita expandir mentalidades e consciências.

Apesar das dificuldades que os artistas no geral sentem, as mulheres compositoras da região estão satisfeitas com as suas oportunidades ou há um caminho longo a percorrer para se afirmarem nesta área artística?

Falo da minha experiência, relativa aos quase dez anos em que vivi e trabalhei como compositora e intérprete em São Miguel: há um longo caminho a percorrer, mas isso não tem a ver com género.

Não é por acaso que artistas, sejam eles homens ou mulheres, acabam por deixar o arquipélago por falta de trabalho, de oportunidades e até de respeito institucional pela sua atividade. Há ainda a mentalidade de que os artistas não precisam de pagar contas e “vivem do ar” e da “inspiração”. Acho que não há vontade política para



EVENTO. Compositoras apresentaram o trabalho que têm desenvolvido, diversificando a atividade musical na região

Valorizar a arte no geral

ARTE. “Há um longo caminho a percorrer, mas isso não tem a ver com gênero. Não é por acaso que artistas, sejam eles homens ou mulheres, acabam por deixar o arquipélago por falta de trabalho, de oportunidades e até de respeito institucional pela sua atividade. Há ainda a mentalidade de que os artistas não precisam de pagar contas e “vivem do ar” e da “inspiração”. Acho que não há vontade política para fazer uma reflexão sobre o papel que a arte, em geral, poderá ter na vida das pessoas, do ponto de vista do desenvolvimento educacional, cognitivo, emocional e relacional. Isto num lugar que enfrenta enormes desafios na área da educação que se refletem, depois, em toda a sociedade. A arte é um instrumento poderoso ao nível da inclusão e há imensos exemplos de projetos que conseguiram transformar profundamente lugares e comunidades.

fazer uma reflexão sobre o papel que a arte, em geral, poderá ter na vida das pessoas, do ponto de vista do desenvolvimento educacional, cognitivo, emocional e relacional. Isto num lugar que enfrenta enormes desafios na área da educação que se refletem, depois, em toda a sociedade. A arte é um instrumento poderoso ao nível da inclusão e há imensos exem-

plos de projetos que conseguiram transformar profundamente lugares e comunidades. Nós realizámos este festival e nele participaram, para além das seis compositoras e cantautoras em destaque nesta edição: o percussionista e construtor de adufes Rui Silva (residente no Pico), Svetlana Pascoal, Sílvia Oliveira, Dina Hernandez, Carolina Constância e Helena Castro Ferreira (residentes em São Miguel). Todas estas pessoas são licenciadas em música e algumas têm uma graduação superior com mestrado ou doutoramento em música.

Estamos a falar de artistas altamente qualificados e que para executarem o seu trabalho ao mais alto nível dedicaram a sua vida a aprender o ofício difícil de compor e/ou tocar profissionalmente um instrumento. Infelizmente, ainda não conseguimos pagar-lhes os devidos (e parcos) cachets, porque ainda não recebemos o protocolo, relativo aos concursos de 2021, da Drac. Ou seja, há artistas in-críveis no Arquipélago, que são quem movimenta o tecido cultural, com sacrifícios pessoais, uma vez que o Governo parece ter-se demitido dessa responsabilidade.

Há, no entanto, evidências de que tudo pode ser diferente quando pessoas com competência têm poder decisório. O Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas foi fundamental para a realização do Festival. Sem esta estrutura, que nos recebeu de braços abertos e que nos disponibilizou todos os recursos, teria sido impossível realizar o evento. Um profundo agradecimento de todas nós ao João Mourão, seu diretor, e a toda a equipa técnica e de produção.



COMPOSITORAS. Teresa Gentil afirma que ainda existe “a mentalidade de que os artistas não precisam de pagar contas e ‘vivem do ar’ e da ‘inspiração’

editorial

OS NOMES NÃO CAÍRAM DO CÉU

As respostas da assembleia da Conferência Episcopal Portuguesa ao relatório da comissão que estudou os abusos sexuais na Igreja causaram perplexidade na opinião pública, mesmo parte daquela ligada aos movimentos católicos. Reduzir o trabalho da comissão à entrega de uma lista de nomes sem circunstâncias, o que impede a Igreja de atuar sobre padre suspeitos que continuam no ativo nas paróquias, parece-nos demasiado redutor, mesmo que o trabalho efetuado seja apenas de estudo. Aqui afirmámos que não se devia correr o risco de acusar sem provas, nem que a lista fosse divulgada incitando à justiça popular. Longe, no entanto, do vazio de respostas da Conferência Episcopal. O que passou para a opinião pública é que a Igreja tem na sua posse uma lista de nomes, mas como não tem testemunhos identificados, não pode enviar os casos para a Justiça civil e também o Vaticano não pode agir internamente. Ou seja, de nada valeu o trabalho da comissão. Mas não terá sido bem assim. Os nomes não foram inventados pela comissão, nem caíram do céu (passe o sacrilégio). Estamos convencidos que a comissão, ao incluí-los, o fez a partir de testemunhos sólidos. Percebe-se que os abusados tenham testemunhado sob sigilo e que não queiram ser parte de um processo criminal, onde seriam expostos publicamente. Acresce que uma boa parte terá, do ponto de vista criminal, já prescrito. Não obstante, boa parte, também, ao que parece, continuará ao serviço da Igreja, daí que não se perceba que a Igreja não atue, suspendendo discretamente o suspeito e simultaneamente investigue até às últimas consequências. Assim daria um sinal inequívoco de reconhecimento dos abusos, da sua condenação e de prevenção do futuro. Quanto a eventuais indemnizações aos abusados, a existirem, não se trataria de insulto. Insulto é a leveza com que a Igreja portuguesa está a lidar com o assunto. E tememos que não seja só um problema de comunicação. Nestas coisas, a Igreja sabe comunicar e só comunica pensando bem no que quer dizer. Logo, o problema é muito mais grave. Há quem ache que está dividida entre um setor conservador, que normalmente varre o lixo para debaixo do tapete e um setor mais progressista que defende medidas concretas e um sinal firme sob pena de o rebanho começar a tresmalhar-se. Pelos vistos são os conservadores que, para já, venceram. Mas, como ensina a Igreja, o arrependimento é possível e pode ter-se a qualquer momento. Se assim for, do lado dos crentes e da sociedade em geral, aceitaremos humildemente o arrependimento. Mas que venha logo.